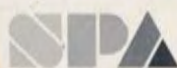


ANTÓNIO TORRADO



TEATRO
DO
lêncio

ÍCIOS DRAMÁTICOS EM 1 ACTO



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

821.134.3
TOR, A

ANTÓNIO TORRADO

TEATRO DO SILÊNCIO

5 exercícios dramáticos em
1 acto



94-03-03

Repertório da Sociedade Portuguesa de Autores
2ª Série

© António Torrado e S.P.A.

Tiragem: 1500 exemplares

Depósito Legal, N.º 7179

Capa e arranjo gráfico: César Veloso

Fotografia da contra-capas: Manuel Ricardo

Edição: S.P.A. — Avenida Duque de Loulé, 31 — Lisboa

Primeira Edição — Abril 1988

Composição e Impressão: IMPRESSE 4

Distribuição: CDL — Central Distribuidora Livreira

ENTRE PARENTESIS

— espectáculo de luz e vozes —

CENA

Quarto de pessoa só. Móvelia banal. Cama com espaldar. Secretária. Estante. Armário. A estante tem livros, bastantes livros brochados e relativamente bem arrumados. Secretária com uma pequena pilha de livros e cadernos. Uma certa ordenação em todo o conjunto, embora se pressinta que a secretária foi recentemente usada e que o quarto foi ou é habitado. Paredes inexpressivas, com uma ou outra gravura, um ou outro poster que pouco chamem a atenção. Atrás da porta roupas de homem, penduradas. Cores mortíferas. Aliás o quarto está mergulhado na penumbra do fim da noite, a caminho da madrugada. Alta janela de dois batentes e parapeito baixo, aberta para a noite. Subentende-se que a janela dá para uma rua da cidade, donde, a partir dos primeiros alvares da madrugada, irão emergir os primeiros ruídos, distantes e indistintos, do despertar citadino. Cortina solta, que a aragem vinda da rua fará agitar, mais ou menos, de acordo com as indicações dadas, no decorrer da peça. De início a cortina estará praticamente imóvel, só levemente frizada por uma quase imperceptível corrente de ar, mas a ondulação irá progredindo desde as primeiras palavras do cicerone off. A maior ou menor corrente de ar, que agitará a cortina ao longo da peça, não será acidental nem arbitrária.

PERSONAGENS

VOZ DO CICERONE OFF

VOZES DE DISEURS: *no decorrer da peça vão ser ditos vários poemas, trechos e citações. Para esse efeito, convirá utilizar diversas vozes, com timbres diferentes, de forma a que se confrontem e nunca se oiça a mesma voz em recitativos sucessivos. Vozes masculinas.*

MULHER-A-DIAS: *de meia idade, incaracterística.*

VOZ DO CICERONE OFF (*Voz directiva, que começa com uma articulação e uma intencionalidade de ressonâncias didácticas.*):

Vamos recapitular. (*pausa*) Para já, aqui não pode haver mal entendidos. Que ninguém diga que está a ver um quadro. Seria extremamente injusto, porque um quadro é um quívoco de perspectivas artificiais, uma superfície congelada dentro de uma moldura, uma ilusão óptica. Aqui há movimento. Cada grão de pó, rolando pelo ar, chocando com outros grãos de pó, cada grão de pó, no seu périplo vertiginoso pelo quarto, é uma partícula da memória. Cada grão de pó denuncia um pouco — tão pouco como um grão de pó... — mas denuncia, assistiu ao que aqui se passou. Interveio até. Deu a sua contribuição, mínima talvez, mas importante. Cada grão de pó, à sua maneira, sabe o que aqui se passou.

E os móveis também, embora sonâmbulos, embora entorpecidos nos seus ligamentos e juntas — silenciosos e humildes agora — a seu tempo, quando foi caso disso, também estalaram e rangeram. Pressentiram tudo.

E os livros? (*Seta luminosa atravessa o quarto e começa a percorrer as estantes dos livros*) Podiam ter-se despeñado das estantes, mas contiveram-se a tempo. Não era ainda o fim do mundo, embora para eles pouco faltasse. E se lhes perguntássemos, livro a livro, o que eles tinham para testemunhar, eles diriam, abrindo as páginas num bocejo, eles diriam, num sussurro, tudo ou quase tudo o que sabiam. E o que eles sabem...

Coniventes os livros? Suspeitos? Como avaliar? De qualquer forma o depoimento deles é essencial. Quando chegarmos a este ponto do inquérito, nenhum indício será insignificante. Quando os folhearmos, um a um, vamos ter de inventariar tudo: as marcas de um dia de sol sobre uma página, o parágrafo sublinhado com raiva, a desajeitada nota escrita à margem... a mancha imperceptível de uma lágrima... Tudo, tudo tem de vir à barra. Até o livro deixado em meio... (*A seta luminosa, como um insecto frenético, esvoaça pelos livros*).

Queixam-se os livros? Acham isto um exagero. Ehm, queixam-se? Sentinelas hirtas, de rostos fechados, como uma plateia silenciosa, sim, vocês, livros, vocês não podem fingir-se indiferentes. Vocês têm muito para contar. Vocês jogaram a favor ou contra e, conluídos vocês conspiraram também. Estavam dentro de tudo. Foi um acaso, dirão, como quem se desculpa. Não, não fogem assim, tão facilmente. Acumulados uns sobre os outros, uns contra os outros, os livros sedimentaram areia e mais areia para o fundo da ampulheta. Tu aí (*seta febricitante, impaciente, sobre uma lombada*) que tens para dizer? (*O livro desloca-se ligeiramente do alinhamento*). Sim, tu que estremeceste. Tu mesmo. (*Voz de «diseur» lê o poema «As Palavras» de Eugénio de Andrade*).

VOZ DE DISEUR: Poema As palavras,
de Eugénio de Andrade.

São como um cristal,
as palavras.

Algumas, um punhal,
um incêndio.

Outras, orvalho apenas.

Secretas vêm, cheias de memória.

Inseguras navegam:
barcos ou beijos,
as águas estremecem.

Desamparadas, inocentes,
leves.

Tecidas são de luz
e são a noite.
E mesmo pálidas
verdes paraísos lembram ainda.

Quem as escuta? Quem
as recolhe, assim,
cruéis, desfeitas
nas suas conchas puras?

VOZ DO CICERONE OFF (*repetindo*): «Quem as recolha,
assim, cruéis, desfeitas nas suas conchas puras?» (*noutro
tom*) Está assinalado. Marcado com três cruces vibrantes
junto ao título, «As palavras» e sublinhando o verso
«desamparadas, inocentes» e os últimos versos (*em
leitura corrente*): «Quem as recolhe assim, cruéis, des-
feitas nas suas conchas puras?» (*pausa*) Mais. Outra
testemunha (*Seta urgente sobre outra lombada*) Vá,
fala. Dá conta de ti...

VOZ DE DISEUR: Quinto Poema ao Crepúsculo de Carlos
de Oliveira.
inverno fabricado,
de céu a céu, a mesma nuvem:
para esquecermos as referências do horizonte,
que tornam mais familiares
a luz, o dia, sobre a praça;
e imaginarmos
outras tardes, reaprendendo
a respirar o ar efêmero
de cada quarto; a analisar